

ESTILO E IDENTIDADE DRAG: UM ESTUDO SEMIÓTICO DA ASPECTUALIZAÇÃO DO ATOR DO ENUNCIADO

DRAG STYLE AND IDENTITY: A SEMIOTIC STUDY OF THE ASPECTUALIZATION OF THE ACTOR OF THE ENUNCIATE

Vinicius dos Santos RIBEIRO¹

RESUMO: Este artigo aborda a construção dos estilos e identidades das drags queens. Assim, apresentamos uma análise de cinco episódios do programa *RuPaul's Drag Race*, produzido pela *World of Wonder*, com o objetivo de depreender diferentes modos de fazer e ser drag. A partir da teoria semiótica proposta por Greimas e de seus desdobramentos, como o que apresenta Fiorin (1989) sobre aspectualização do ator ou Discini (2003) sobre o estilo, e do diálogo com os conceitos propostos por Butler (2003), examinamos, então, os episódios de modo a descrever as identidades drags que se projetam no programa.

PALAVRAS-CHAVE: Drag queen; Semiótica discursiva; RuPaul's Drag Race.

ABSTRACT: This article discusses the construction of styles and identity of drag queens. Therefore, we present an analysis of five episodes of RuPaul's Drag Race, produced by World of Wonder, in order to deduce different ways of doing and being drag. Based on the semiotic theory proposed by Greimas and its current developments based on Fiorin's (1989) concepts of actor aspectualization or Discini (2003) about style, and the dialogue with the concepts proposed by Butler (2003), we examined the episodes in order to describe the drag identities that are projected in the show.

KEYWORDS: Drag queen; Discursive Semiotics; RuPaul's Drag Race.

1 Introdução

Ao falar sobre drag queen, partimos das reflexões de Butler (2003) sobre a temática em uma perspectiva identitária do gênero. Com base na noção de ato performático, conforme apresentado pela autora, entendemos que há operações

¹ Graduando do Curso de Linguística, na Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Letras, São Carlos, São Paulo, Brasil. Orientador: Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros. Bolsista da FAPESP (processo n. 2020/11242-9). E-mail: visribeiro61@gmail.com.

de “imitação” ou dramatização que agiriam sobre uma primeira operação de estilização, responsável por constituir as identidades de gênero.

Em *Problemas de gênero*, Butler (2003) oferece uma nova leitura da noção de performatividade, originalmente desenvolvida no âmbito da linguística e da filosofia da linguagem. Ela descreve a performatividade como um poder do discurso de regular e restringir fenômenos, enfatizando as maneiras pelas quais a identidade é produzida por meio do discurso. Além disso, a filósofa define o gênero como um ato performativo, construído socialmente, na medida em que serve para manter e definir identidades. Desse modo, ações, comportamentos e gestos resultam no efeito de identidade de gênero do indivíduo, pois

o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente (BUTLER, 2003, p. 200).

Assim, na estilização do corpo, atuam múltiplas linguagens, como os gestos e movimentos, que contribuem para definir as identidades. Vale ressaltar também que algo essencial para a performatividade é a repetição, como nos mostra Butler (1999, p. 15):

Numa segunda instância, performatividade não é um ato singular, mas uma repetição e um ritual, que realiza seus efeitos através da sua naturalização no contexto no qual o corpo é compreendido, em parte, como culturalmente sustentado na duração temporal.

Podemos, então, afirmar que, para compreender a identidade de gênero de um sujeito, é preciso recorrer à observação da reiteração, o que nos leva, no âmbito da semiótica, à noção de estilo para o exame de recorrências no plano de conteúdo (percurso gerativo do sentido) e em sua relação com o plano de expressão (cores, formas, movimentos, disposição espacial, etc.) Entendemos que a observação das reiterações nos textos é que permite depreender a identidade da drag queen, vista aqui como uma “dramatização” da identidade de gênero e, portanto, como uma segunda operação que age sobre uma primeira operação que diz respeito à construção da identidade de gênero. Isso significa

que não entendemos a drag queen como uma identidade de gênero, mas como um fazer que opera a partir de identidades de gênero performatizadas na sociedade, re combinando e ressignificando seus traços, de modo a problematizar o gênero, conforme pretendemos mostrar.

O estilo, segundo Discini (2003; 2015), diz respeito a uma recorrência encontrada em um enunciado, que pode aparecer, por exemplo, como uma recorrência no uso de certos termos, uma recorrência de um estado passional, uma recorrência no uso de cores quentes, uma recorrência no uso do *close up* etc. Essas repetições apontam para um modo de “dizer” ou de enunciar, ou, ainda, para um modo de ser. Nesse sentido, o estilo é, para a autora:

modo de presença de um sujeito dado no ato de enunciar pressuposto a uma totalidade de enunciados, remete a um sujeito discursivo, que deixa rastros de sua identidade naquilo que diz, por meio de um modo próprio de dizer, o que supõe peculiaridades éticas e afetivas na relação com o mundo (DISCINI, 2015, p. 87).

Isso significa que essas reiterações, que permitem a formação de um estilo e apontam para tendências éticas e afetivas de um sujeito, podem ser apreendidas tanto do plano de expressão quanto do plano de conteúdo². Além disso, são essas recorrências que projetam um ethos (imagem do autor, não sendo o autor real, mas um autor discursivo projetado no texto)³.

Vale ressaltar que, apesar de Discini (2003; 2015) falar de uma imagem do enunciador (ethos), entendemos que estamos tratando de atores⁴ do enunciado, e não da enunciação, afinal, estamos falando de personagens que povoam o programa *RuPaul's Drag Race*, um *reality show* de competição de drag queens apresentado pela drag queen RuPaul e que tem o objetivo de escolher a *America's Next Drag Superstar* (a nova grande estrela drag da América). Ainda

²Entendemos que o plano de expressão e o plano de conteúdo estão interligados, pois, para a semiótica, o texto é uma junção desses dois planos, ou seja, não há expressão sem conteúdo e conteúdo sem expressão (cf. BARROS, 2005). Além disso, os temas e figuras do texto apontam para tendências éticas e discursivas de um sujeito, como mostra nossa análise de *drags* (conferir seção 2 deste artigo).

³cf. Fiorin (2004) sobre a discussão da imagem do enunciador.

⁴Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 34), a definição de ator para a semiótica é “o lugar de convergência e de investimento de dois componentes sintáticos e semânticos”. Para ser chamado de ator, um lexema deve ser portador de pelo menos um papel actancial e no mínimo um papel temático”, isto é, o ator tem o *fazer sintático* e o *fazer semântico* no nível discursivo do percurso gerativo do sentido (plano do conteúdo).

assim, as propostas da autora continuam relevantes para o nosso trabalho, pois a observação de recorrências de conteúdo e expressão na composição da drag apontam para a sua identidade de ator do enunciado.

Com base nessas concepções apresentadas, buscamos, na teoria semiótica francesa e em seus desdobramentos atuais, ferramentas para descrever os sentidos produzidos nesse ato de realização da drag queen e para identificar estilos e identidades projetados no programa *RuPaul's Drag Race*, produzido pela World of Wonder. Trata-se de um programa pertinente para a realização deste trabalho, uma vez que traz diferentes tipos de drags e mostra habilidades e comportamentos esperados de uma drag.

A metodologia e a fundamentação teórica utilizadas são os da semiótica greimasiana, em diálogo com os estudos de gênero, entre os quais ressaltamos os trabalhos de Butler (2003) sobre performatividade e, no campo da semiótica, a noção de estilo proposta por Discini (2003; 2015). Com base nesses aspectos, iniciamos a investigação a respeito das identidades das drag queens Yvie Oddly, Aquaria e Asia O'Hara, projetadas pelo programa *RuPaul's Drag Race*.

Para isso, analisamos cinco episódios do reality show *RuPaul's Drag Race*, quatro episódios da 11ª temporada – “*Whatcha Unpackin?*” (Episódio 1), “*Good God Girl, Get Out*” (Episódio 2), “*Diva Worship*” (Episódio 3), “*Trump: The Rusical*” (Episódio 4) – e um episódio da 10ª temporada – “*PharmaRusical*” (Episódio 2) –, com o objetivo de apreender diferentes identidades drag queens. Escolhemos esses episódios, pois os desafios e as temáticas da passarela testam as performances drags das participantes, o que contribui para o exame de seus estilos.

Todos os programas têm o mesmo formato: há o mini desafio, o desafio principal, a passarela e a dublagem. Os mini desafios são provas diferentes que exigem um limite de tempo para que se realizem e a vencedora desse mini desafio obtém uma vantagem para o desafio principal. O desafio principal é constituído de uma ou mais provas que podem ser realizadas individualmente ou em grupo. Quem vence o desafio principal, além de permanecer no jogo, ganha geralmente um prêmio especial, como vestidos, acessórios, cruzeiros, joias, linhas de maquiagens ou até mesmo dinheiro. O desafio principal envolve temas dados a cada semana. Na passarela, algo que ocorre ao final de cada programa, as drags

queens desfilam com uma categoria proposta por RuPaul e são avaliadas com base nos “looks” (o visual da modelo) e em sua performance no desafio principal.

Depois da avaliação, as duas drags com performances mais fracas devem dublar uma música escolhida pela produção e são sancionadas novamente. A partir da performance da dublagem, a RuPaul escolhe quem sai e quem fica na competição.

Vale destacar que o formato competitivo do programa e a edição feita contribuem para que as drags tenham que se destacar em relação às outras, algo que pode ser mais bem examinado a partir da actualização do ator, conforme veremos.

2 Estilo e identidade de drag queens no programa

2.1 Estranho, conceitual e drag

Da 11ª temporada, participam quinze drag queens (quatorze novas competidoras e uma competidora da 10ª temporada que voltou na repescagem), todas com seu estilo e sua identidade única em relação ao modo de fazer drag. No começo da temporada, as competidoras entram e desfilam mostrando o seu figurino de entrada, colocando em evidência o seu estilo e a identidade de sua drag.

No primeiro episódio, há, portanto, uma entrada das drag queens da temporada, elas chegam e mostram seus “looks” para outras drag queens da competição, apresentam-se e falam que tipo de drag queens são. É nesse momento da competição que a Yvie Oddly desfila, apresenta-se e comenta algumas coisas que são indícios de uma projeção de estilo, como vemos na sequência (1), retirada no programa. É preciso dizer ainda que a forma como ocorre a edição do programa e a escolha da música para a entrada da Yvie também contribuem para a projeção de sua identidade.

(1)

Yvie Oddly: Essa competição acabou de ficar *estranha*.

Yvie Oddly: Minhas inspirações são Mugler, Alexander McQueen, Cristine, porque ela é *louca*.

Yvie Oddly: Eu vim aqui para *chocar*.

Yvie Oddly: Nossas drags têm *caos* é uma pegada que eu amo.
(grifo nosso)

Esses enunciados dizem respeito a como Yvie Oddly se vê e quais são suas inspirações para a sua drag. Esses termos recobrem temas que aparecem com frequência, ditos por Yvie ou outras personagens para se referir a ela e que se confirmam no modo de ser, apontando para uma imagem de si no discurso e uma possível projeção de uma identidade da Yvie, como uma “drag queen estranha”.

Nos episódios 1, 2 e 3, vemos a forma como outras competidoras ou até mesmo os jurados olham e avaliam sua drag queen, como mostra a sequência (2), retirada do programa.

(2)

Rajah O’Hara: Menina *feia* não pode dar uma de bonita. Não, uma bicha *feia* assim se rastejando pra me derrubar [...]

Jurado 1: Yvie Oddly, você é *estranha* e *feroz*.

Jurado 2: Você sempre faz o *inesperado*. [...] Quando não consegue ver mais ninguém fazendo o que você faz, é quando a gente sabe que estamos fazendo algo *novo* e *único*.
(grifo nosso)

Na primeira citação, vemos outra participante do programa, Rajah O’Hara, comentando sobre a Yvie, isso acontece em um momento de discussão ao se maquiarem e debaterem suas perspectivas drag queens. O segundo fragmento é a fala do Jurado 1 sobre o “look” de Yvie na temática da passarela “Qual é o seu signo?”, representado na Figura 2, em que ela faz uma representação de seu signo, Leão. Já o Jurado 2 comenta sobre a versão laranja de seu figurino, na passarela “Orange Alert”, representado na Figura 4. Nesses enunciados sobre a Yvie, os termos “feia”, “estranha”, “feroz” e “inesperado” trazem para a cena, por negação, a questão da relação da drag queen com o mundo fashion, como algo que tem que ser belo, bonito, e Yvie Oddly acaba se opondo a essa questão do belo, do bonito, explorando o feio, o esquisito.

Vamos tratar agora, brevemente, do *plano da expressão* visual (gestos, cores, maquiagem, andar) em conjunto com o *plano do conteúdo*.

A seguir, as figuras de 1 a 4 mostram os “looks” apresentados por Yvie Oddly no programa.

Figura 1 – Tema: “Look” único e lendário com textura de plástico



Fonte: RUPAUL’S drag race.

Figura 2 – Tema: Qual é o seu signo em versão do signo de Leão no zodíaco



Fonte: RUPAUL’S drag race

Figura 3 – Tema: “Look” de franjas em versão de água-viva rosa



Fonte: RUPAUL'S drag race.

Figura 4 – Tema: Alerta Laranja em versão palhaço de circo



Fonte: RUPAUL'S drag race.

Nas figuras mostradas, vemos quatro visuais que apresentam o uso de diferentes texturas de tecido (plástico, lã, cetim, etc.), o uso de cores quentes, (com a exceção da Figura 2), que se destacam em contraste com as cores frias do palco, colaborando com o efeito de sentido de presença tônica, de aproximação. O uso de cosplay, o uso da maquiagem com a sombra borrada, os gestos muito abertos e o andar bem requebrado colaboram para a projeção da identidade da Yvie Oddly, diferenciando-a de outras drag queens do programa.

Isso se confirma também pelo *conteúdo* dos elementos visuais projetados no programa. Por exemplo, na Figura 4, a drag está vestida totalmente de palhaço e, na 3, de água-viva, fazendo uma caracterização como um cosplay e ainda com algo que cobre o corpo totalmente, não valorizando as formas sinuosas atribuídas em nossa sociedade, no geral, a um corpo feminino. Ao mesmo tempo, é interessante notar que é uma água-viva com traços socialmente avaliados como femininos, como mostra, no guarda-chuva, o desenho de um olho com os cílios, o uso de salto alto. Já a figura do palhaço aponta para uma reiteração do tema do sujeito fora do padrão social e para a configuração do circo relacionada também a personagens que causam estranhamento, convoca, com isso, o rir da sociedade e de si e, assim, a temática da aceitação da imperfeição explorada pela participante.

Além disso, em quesito de atuação, os gestos e as expressões diante dos desafios propostos pelo programa também projetam indícios de sua identidade, como mostram as figuras 5 e 6.

Figura 5 – Yvie Oddly no desafio de atuação em “Good God Girl, Get Out!”



Fonte: RUPAUL'S drag race.

Figura 6 – Yvie Oddly no desafio principal da paródia de “Trump: The Rusical”



Fonte: RUPAUL'S drag race.

Em ambas as figuras, as expressões revelam características de sua identidade drag, isso se deve aos gestos e expressões faciais exagerados que projetam essa imagem de “diferente”, “louca”, por exemplo, por meio do sorriso com os dentes bem abertos ou dos olhos arregalados. No caso da figura 6, o uso da maquiagem borrada e caracterização para parecer uma idade mais avançada dão esse efeito de uma pessoa mais desleixada. Além disso, os gestos e as pernas abertas também contribuem para um direcionamento da identidade ousada em meio às demais drags. O humor é algo recorrente entre as drags, mas podemos afirmar que cada uma produzirá humor de uma forma diferente.

2.2 Duas identidades através de dois estilos distintos de drag

Com relação à questão do exagero nos elementos femininos, destacamos aqui que, nas temporadas recentes do reality show, as drags queens participantes não apenas exageram elementos tidos por femininos, mas incorporam elementos avaliados socialmente como masculinos, como a ausência de busto e de quadril.

De modo a observar essa questão, foi selecionado o episódio “*PharmaRusical*” (temporada 10, episódio 2), que mostra duas drags queens participantes que projetam diferentes identidades no modo de ser, Aquaria e Asia O’Hara, como mostram as Figuras 7 e 8 a seguir:

Figura 7 – Asia O’Hara na passarela com a temática “Melhor Drag”



Fonte: RUPAUL’S drag race.

Figura 8 – Aquaria na passarela com a temática “Melhor Drag”



Fonte: RUPAUL’S drag race.

Na Figura 7, a participante está com uma espécie de maiô transparente composto por pedras e brilhos no centro e, nos lados, um babado feito por um tecido leve (seda ou cetim). Em relação aos movimentos, seus gestos na passarela são compostos por giros que movimentam o tecido. Com base na roupa e nos gestos exibidos, podemos depreender alguns traços avaliados na sociedade como mais femininos, como a exploração de curvas (há presença do formato de seios e presença de curvas no quadril), além de movimentos e gestos que apontam para um estilo de bailarina.

Diferentemente, na Figura 8, Aquaria está com um vestido preto transparente com detalhes e uma echarpe de plumas na cor verde que, como

mostraremos a seguir, evocam traços não-binários ao combinar elementos tidos como femininos e masculinos. A questão da roupa (como a escolha do vestido, a echarpe de plumas, o uso de salto alto), os gestos (a mão na cintura), os movimentos (delicados e requebrando enquanto anda) apontam para uma tendência mais feminina, enquanto a falta de exploração de curvas no corpo (ausência de formato do busto e falta de curvas no quadril) apontam para uma tendência masculina.

Entre as duas participantes, podemos observar ainda uma oposição entre força e delicadeza, expressos através dos elementos visuais na passarela como o chifre verde e as argolas na Figura 8, a diferença de penteados entre as duas (cabelo preso x solto) ou as cores que compõem os trajes utilizados pelas participantes (rosa e prata x preto e verde). Não apenas pensamos em relacionar elementos entendidos socialmente como femininos ou masculinos a suas identidades, mas também a construção de uma imagem de força (Aquaria) ou de delicadeza (Asia O'Hara), ou ainda, a produção de uma identidade mais dentro ou fora de certos padrões de gênero (com a questão das curvas femininas representadas na Figura 7, a exibição dos mamilos na Figura 8, por exemplo). Nesse sentido, além de borrar os limites do gênero nessa combinação de elementos considerados femininos e masculinos, sobretudo em Aquaria, são questionadas essas fronteiras entre ser masculino e ser feminino, a partir de uma performance da mesclagem. Com isso, explicita-se a questão da “dramatização” da identidade de gênero que atribuímos ao fazer drag.

3 Aspectualização e identidade

Conforme afirmamos acima, ao longo da análise do nosso *corpus*, formado por episódios do programa televisivo, estamos tratando de atores do enunciado, e não da enunciação, por meio do exame da reiteração de elementos discursivos e linguageiros que nos permitem identificar quais são os estilos que são projetados em *RuPaul's Drag Race*. Contudo, uma parte essencial para a identificação desses estilos drags projetados no programa consiste nos comentários de outras participantes e dos jurados do programa que avaliam a

performance da participante diante dos desafios e da roupa apresentada na passarela temática de cada episódio.

Além disso, isso vai ao encontro do que diz Butler (2019) sobre o conceito de performatividade, entendida como uma prática discursiva que produz aquilo que nomeia. Nesse sentido, se uma identidade da drag queen é entendida pelos outros como algo “esquisito”, “glamouroso” ou “burlesco”, isso se dá pela prática discursiva que nomeia esses estilos, avaliados positivamente ou negativamente pelo outro. Como afirma Fiorin (1989), por meio da aspectualização do ator da enunciação, o observador delega valores axiológicos para o ator.

Sobre o observador na teoria semiótica, Greimas e Courtés definem que:

será chamado observador o sujeito cognitivo delegado pelo enunciador e por ele instalado, graças aos procedimentos de debreagem, no discurso-enunciado, onde é encarregado de exercer o fazer receptivo, e eventualmente o fazer interpretativo (isto é, recai sobre outros actantes e programas narrativos e não sobre ele mesmo ou sobre seu próprio programa) (2008, p. 313-14).

Ou seja, o observador, por definição, é um actante semiótico que estabelece um ponto de vista sobre o tempo, o espaço e a pessoa (os atores). É pelo olhar do observador que são determinados os valores axiológicos, como, por exemplo: “feio”, “bonito”, “elegante”, a partir da performance realizada, no caso, por meio dos elementos linguageiros e discursivos presentes que constituem a identidade drag queen. Além disso, isso significa que as identidades projetadas no programa são aspectualizadas, pois:

A aspectualização do ator mostra a “qualidade” da performance. Assim, um gesto pode ser elegante ou desastrado, a voz pode ser segura ou hesitante [...]. Quem determina a “qualidade” de uma realização é um observador. Cabe lembrar que esse observador não expede um julgamento individual, pois, embora seu ponto de vista diga respeito a uma ação particular de um ator particular, os pontos de vista sobre cada ação são sociais. Numa formação social, não se valorizam apenas as ações, mas também a maneira como elas são realizadas (seu aspecto) (FIORIN, 1989, p. 350).

Nesse sentido, o ponto de vista do observador é o que determina a qualidade da performance, notamos isso no programa quando percebemos

avaliações dos “looks” das participantes dentro do reality show, como algo inesperado ou bonito. Essas avaliações são realizadas com base em parâmetros definidos pelo *excesso*, *justa medida* ou *insuficiência*.

Vencato (2002), ao refletir sobre a drag queen em sua dissertação, tece os seguintes comentários:

[...] são homens que se transvestem, mas sem o intuito de se vestir de mulheres, mesmo que de forma caricata. Diferente dos “blocos de sujos” do carnaval ilhéu, **re-inventam um feminino exagerado** em sua representação, porém sem debochar do “ser mulher” [...] as drags buscam, [...], **uma certa aproximação dessa “mulher” que levam a público**, muito embora a completa identificação nunca seja o resultado almejado (VENCATO, 2002, p. 3, grifo nosso).

Para Vencato, a drag queen não deseja se tornar uma mulher, mas fazer uma aproximação a partir do uso de elementos determinados socialmente como femininos, mas tomados com certo exagero. Assim, a drag queen, ao se montar, passa a ser aspectualizada socialmente como um ator excessivo. Podemos perceber isso, por exemplo, no uso de, em alguns casos, unhas ou cílios extremamente longos, mais do que o comum entre as mulheres que aumentam os cílios, as unhas utilizadas de maneira artificial (cílios e unhas postiças), exagero nos brilhos e cores, entre outros elementos.

Nesse sentido, é sobretudo no excesso que se percebe mais visivelmente a identidade drag, construída a partir da combinação ou reiteração de elementos linguageiros e discursivos para a projeção de um estilo marcado, portanto, pelo exagero, do qual se pode depreender a identidade drag em jogo.

Já no programa, do qual participam várias pessoas que se montam e performatizam nos palcos como drag queens, aquilo que era visto socialmente como *excessivo* torna-se *justa medida*. Isso significa que, para que a drag se destaque no programa, ela precisa se tornar excessiva frente às demais, ou seja, tornar excessivo o que socialmente já era visto como excessivo, mas que no programa se torna corriqueiro. De modo geral, a identidade drag, no programa, é marcada por essa intensificação do exagero. Como relata Fiorin (1989), o que é, de um ponto de vista, excesso, de outro, será insuficiência e vice-versa.

É interessante notar que fora do contexto de um reality show, no cotidiano, no geral se busca a justa medida, tanto nos gestos e comportamentos quanto nas vestimentas, tudo tem que ser equilibrado (justa medida), nem muito exagerado, nem insuficiente. A partir disso, o indivíduo sofre sanção cognitiva e pragmática, podendo ser incluído ou excluído de um grupo social. No caso das drags, busca-se justamente o excessivo, é, por isso, que se pode afirmar que a drag não busca parecer uma mulher, segundo uma norma da justa medida, mas, por meio do exagero, questiona a própria construção social de gênero, chamando a atenção para isso.

Em relação à performance das participantes examinadas, vemos os comentários, na sequência (3), dos jurados, após verem os “looks” apresentados:

(3)

Jurado 1 para Asia O’Hara: O visual de hoje ficou lindo. [...] combinou perfeitamente suas pernas com seus braços, está perfeito.

Jurado 2 para Asia O’Hara: Essa cor é tão perfeita.

Jurado 2 para Aquaria: Sua roupa do desfile é fantástica.

Jurado 1 para Aquaria: É jovem, é nova e está na moda.

Nesse trecho, observamos que, em relação aos figurinos apresentados, os jurados 1 e 2, ao avaliarem a seleção de cores, o corte de vestido e os acessórios utilizados, corroboram o estilo “bailarina” de Asia O’Hara, visto como lindo, perfeito, harmônico. É diferente de Aquaria, que é vista como na moda, *avant-garde*, ou seja, dona de um estilo inovador, moderno e atual. Isso corrobora dois estilos que configuram como duas identidades drags distintas.

Além disso, não é somente pelos jurados que as participantes são avaliadas quando estão diante do palco do programa, mas também pelas outras participantes que comentam sobre as drags que competem pelo prêmio oferecido no programa. Vemos isso nos comentários direcionados à Yvie Oddly:

(4)

Vanessa Vanjie Mateo: O que é isso? [...] O *circo* chegou.

Rajah O’Hara: Menina *feia* não pode dar uma de bonita. Não, uma bicha *feia* assim se *rastejando* pra me derrubar [...]

(grifo nosso)

Observa-se, assim, que a projeção da identidade de drag queens no programa não é somente construída pela maneira como se apresenta, mas também pela forma como sua performance é avaliada, havendo um observador em sincretismo com diferentes atores que institui valores, estabelecendo, desse modo, a aspectualização do ator, por meio da qual “não se valorizam apenas as ações, mas também como são realizadas (seu aspecto)” (FIORIN, 1989, p. 350).

Considerações finais

Com base no diálogo entre os estudos de gênero, mais especificamente os estudos de Butler (2003) sobre a performatividade e a teoria semiótica de linha francesa, buscamos, nesse artigo, abordar a construção dos estilos e identidades de drag queens, com o objetivo de depreender diferentes modos de fazer e ser drag e, assim, contribuir com reflexões acerca das questões de gênero, ainda pouco estudadas no âmbito da semiótica discursiva. Por meio da análise de trechos de cinco episódios do programa *RuPaul's Drag Race* produzido pela World of Wonder, levando em conta o seu sincretismo de linguagens, procuramos descrever os estilos drags que se constroem no programa.

A partir do exame do *corpus*, foi possível depreender o estilo de cada drag queen apresentada – Yvie Oddly, Aquaria e Asia O'Hara –, observando as recorrências de expressão em relação com o conteúdo.

Dessa forma, ao longo do estudo, percebemos que a identidade da drag queen no programa não é produzida apenas pelo que é dito e mostrado pelo ator do enunciado, mas pelo todo do programa, ou seja, pelos comentários de jurados e outras participantes, pelas músicas utilizadas e por diversos outros elementos, ainda que não tenhamos podido examinar aqui todos eles.

Como mostrado em Discini (2006) e em Fiorin (1989), o ponto de vista do observador é importante para o exame das identidades, pois é a partir da aspectualização do ator que se mostra a “qualidade” da performance. Assim, o olhar pelo conceito pelo observador foi essencial para a realização do trabalho, pois é o ponto de vista do outro é essencial para o estabelecimento das identidades, como vemos em Calame:

Complexa e fluida, a identidade de cada indivíduo é feita e desfeita em interação com grupos socioculturais multiformes e com um ambiente físico e biológico que lhe dá sentido (2020, p. 1, tradução nossa)⁵.

Como citar este artigo?

RIBEIRO, V. S. dos. Estilo e identidade drag: um estudo semiótico da aspectualização do ator do enunciado. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 189-206, 2022.

Referências

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BUTLER, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.

_____. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York and London: Routledge, 1999.

_____. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALAME, C. *La question de l'identité: pour une sémiotique éco-anthropologique*. Actes Sémiotiques, Limoges: França, n. 123, fev. 2020. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6422>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

DISCINI, N. *Ator, aspecto e estilo*. In: Estudos Linguísticos XXXV / Organizado pelo Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, p. 1544-1553, 2006.

_____. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, J. L. *A lógica da neutralidade: um caso de aspectualização do ator*. In: XXXVI Seminário do GEL, 1989, São Paulo. XVIII Anais de Seminário do GEL. Lorena: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1989, v. 1. p. 348, 354.

_____. *Semiótica e comunicação*. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 8, out. 2004.

⁵ Complexe et fluide, l'identité de chaque individu se fait et se défait dans l'interaction avec des ensembles socio-culturels multiformes et avec un environnement physique et biologique qu'il rend signifiant.

ESTILO E IDENTIDADE DRAG: UM ESTUDO SEMIÓTICO DA ASPECTUALIZAÇÃO DO ATOR DO ENUNCIADO

GRAÇA, R. *Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos*. Revista Perspectiva Filosófica - ISSN: 2357-9986, [S.l.], v. 43, n. 1, set. 2016. ISSN 2357-9986. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/230291/24499>>.

Acesso em: 13 maio. 2022.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

RUPAUL'S drag race, temporada 10, episódio 2. Criação RuPaul. Reality show. Los Angeles: World of Wonder, 2018. 45 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 18 nov. 2021.

RUPAUL'S drag race, temporada 11, episódio 1. Criação RuPaul. Reality show. Los Angeles: World of Wonder, 2019. 45 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 18 nov. 2021.

RUPAUL'S drag race, temporada 11, episódio 2. Criação RuPaul. Reality show. Los Angeles: World of Wonder, 2019. 45 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 18 nov. 2021.

RUPAUL'S drag race, temporada 11, episódio 3. Criação RuPaul. Reality show. Los Angeles: World of Wonder, 2019. 45 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 19 nov. 2021.

RUPAUL'S drag race, temporada 11, episódio 4. Criação RuPaul. Reality show. Los Angeles: World of Wonder, 2019. 45 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 19 nov. 2021.

VENCATO, A. P. *"Fervendo com as drags": Corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. 2002. 124f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.